ESTRATÉGIAS COM PERSPECTIVA INCLUSIVA SUGERIDAS POR PROFESSORES PARA TRABALHAR HISTÓRIAS INFANTIS

Keli dos Santos GUADAGNINO
Faculdade de Filosofia e Ciências / Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Marília)

Jáima Pinheiro de OLIVEIRA
Faculdade de Educação / Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Eixo temático 05: Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

keli.santos@unesp.br

Palavras-chave: Educação especial. Histórias infantis. Crianças com deficiência.

1. Introdução

Este relato apresenta uma análise geral sobre percepções de professores sobre temas que envolvem diretamente a linguagem e a comunicação de crianças com deficiência. Os avanços científicos nos indicam, cada vez mais, que a sala comum deve ser o principal *locus* de acolhimento, de desenvolvimento e, principalmente, de suporte para o público da educação especial. Por isso, mesmo que na escola exista uma Sala de Recursos Multifuncionais (SRM), o serviço do Atendimento Educacional Especializado deve empenhar esforços, ao máximo, para que esse suporte aconteça na sala comum, utilizando a SRM apenas como suporte em ocasiões muito específicas para desenvolver ou treinar o uso de um recurso de tecnologia assistiva, por exemplo.

Diante disso, é necessário compreender e apoiar esse serviço para que ele ocorra de modo colaborativo e que sejam utilizadas estratégias diferenciadas com o objetivo de atingir a todos (Santos e Mendes, 2022). Esse apoio deve indicar aos professores e profissionais de apoio traduções das políticas de inclusão em práticas pedagógicas diárias. Nessa direção, esse relato tem como objetivo, explorar relações entre formação (generalista e especialista) e o repertório de estratégias sugeridas por professores para transpor barreiras comunicacionais de estudantes do público da educação especial.

2. Caminho Metodológico

Este relato situa-se entre os desdobramentos de estudos relacionados ao projeto intitulado “Indicadores de comunicação e participação de crianças com deficiência para ações formativas colaborativas” (CNPq). A maior parte destes estudos tem se caracterizado por estudos do tipo documental (Gil, 2010), já que temos utilizado fontes secundárias, relacionadas a dados gerados no projeto de pesquisa principal (CNPq). Todas essas propostas tem sido conduzidas pelo Observatório de Redes de Apoio à Inclusão Escolar e à Educação Inclusiva, por meio de documentos escritos, registros diversos, aplicação de questionários e outros materiais. De modo geral, os estudos documentais são realizados para coletar, analisar e interpretar informações contidas em documentos para responder a questões de pesquisa, compreender eventos passados ou fundamentar estudos científicos.

Todos os profissionais, ao confirmarem sua participação na proposta, preenchem um formulário disponível no Google Forms, cuja apresentação ocorre por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Além disso, seguimos a recomendação de Mainardes e Carvalho (2019, p.206), no que diz respeito à “autodeclaração de princípios e de procedimentos éticos na pesquisa”, assumindo a responsabilidade ética sobre todas as fases que compõem as ações formativas e que podem utilizar dados gerados para pesquisa.

Em alguns momentos, também são geradas informações junto à equipe escolar e junto às secretarias de educação sobre as demandas escolares, utilizando-se questionários aplicados online (Google Forms) e/ou entrevistas presenciais. Quando necessário, essas informações são complementadas diretamente com as secretarias de educação. Em seguida, são sistematizados os dados de perfil de estudantes, professores, gestores, dentre outros atores da comunidade escolar, assim como dos serviços especializados disponíveis, por meio da seleção dos dados do formulário aplicado. Esses dados auxiliam no planejamento das ações formativas, para que o apoio a ser ofertado nessas formações esteja voltado para as necessidades apontadas por eles.

3. Desenvolvimento

Nos dados tomados para análise, tivemos a participação de 79 professores, sendo 22 deles professores que atuam no Atendimento Educacional Especializado. Em razão do limite de espaço, estes dados serão resumidos e mais explorados durante a apresentação da experiência.

Quando foram solicitadas estratégias aos professores em relação ao trabalho com os estudantes com deficiência, que envolvessem aspectos de comunicação e linguagem, houve uma forte associação com “Libras” e “Sinais”, além do uso de “Imagens” e “Gestos” como ponte principal de comunicação. Apareceu também o uso do termo “Prancha”, indicando algum conhecimento sobre Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA). Quando questionados sobre o uso de imagens em relação a crianças com deficiência visual, eles recorreram à alternativas auditivas, mas não souberam descrever com clareza o uso de estratégias específicas, tais como a Audiodescrição.

Mesmo diante desse questionamento, eles mantiveram as opções que priorizam os canais visuais e gestuais. Foi possível observar uma base para o uso de recursos de CAA, mas os dados sugerem uma necessidade de diferenciar melhor quando usar Libras (para casos de Surdez) e Sistemas de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) para crianças não-oralizadas. Por outro lado, se o foco do material utilizado for o de obter multiformatos, esse material pode ser utilizado por várias crianças (Lopes, 2024).

4. Conclusões

Tivemos como objetivo, neste relato, explorar relações entre formação (generalista e especialista) e o repertório de estratégias sugeridas por professores para transpor barreiras comunicacionais de estudantes do público da educação especial. Os dados indicaram que mesmo diante de um perfil profissional experiente, há muitas confusões em relação à diferença entre estratégias e recursos. Há uma preocupação exagerada em relação ao recurso a ser utilizado quando é mencionada a condição e deficiência, como se todos os estudantes com essa condição necessitasse de algum tipo de recurso diferente. Esses relatos, por sua vez, indicaram demandas pontuais relacionadas ao público da educação especial. As principais demandas implicam necessidade de discussão e avanços em relação a barreiras atitudinais e acessibilidade curricular.

5. Principais referências

LOPES, Valéria Rosa Farto. **Efeitos de um programa baseado nos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem na participação de crianças em produções de histórias.** 2024. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2024.

SANTOS, Keysiane; MENDES, Enicéia Gonçalves. **Abordagem do ensino diferenciado: articulação entre conceitos e práticas.** In: ELIAS, Nassim Chamel, GONÇALVES, Adriana Garcia, BENGTSON, Clarissa; PEDRINO, Mariana Cristina. (Orgs.). Práticas pedagógicas e formação profissional para a inclusão escolar. 1 ed. São Carlos, v. 1, 2022, p. 47-58.